**Estranho Amor**

Jamais pensei que uma história tão pálida e desinteressante como a minha, pudesse tornar-se assunto entre escritores. O que poderiam dizer de um velho rico materialmente, e pobre de ânimo, de companhia? Nem mesmo o que fizera profissionalmente, tinha o sabor que eu acreditava ser essencial para um conto. Ora, os meus talentos, eu preferia esconder. Nada parecia preencher-me o espírito. Nem mesmo meu filho, que segundo diziam, era talentoso como eu. Uma grande bobagem! Em minha enorme fazenda, costumava passar horas sozinho, entre as luzes tão fracas quanto a minha vontade de viver. Meu consolo, era o antigo violão, que produzia o único som que eu era capaz de ouvir.

Minha solidão, no entanto, estava prestes a terminar. O chão, que durante anos fora tocado somente por meus pés, agora sentia a presença peluda e horripilante de uma aranha. Quisera matá-la, e tentei, mas a danada era tão rápida que desapareceu antes mesmo de um piscar de olhos. Não insisti, e continuei a tocar. Foi quando percebi, que o som amargo do meu violão, poucas vezes escutado pelo público, trouxe de volta a aranha em frente aos meus olhos. E assim foi o resto da noite. Eu tocava, enquanto o bicho que antes me pareça asqueroso, agora, me despertava algo de ternura. No dia seguinte, a cena se repetiu. Ali estávamos, nós dois, novamente. E eu ria, dentro de mim mesmo, ao pensar no quanto gostava de tudo aquilo. E como a aranha mudou minha vida. A casa, antes vazia, agora, sempre cheia. Todos queriam conhecer a minha amiga. Mas, a tristeza, ciumenta que só, voltara a bater em minha porta.

O maldito sentimento aparecera junto a visita de um amigo. O camarada era simpático. E a conversa, agradável. Até consegui esquecer-me da aranha. Mas, não esquecer-me do velho e delicioso hábito de tocar o violão. Meu amigo me escutava cheio de atenção. Foi quando a aranha, como sempre, surgiu entre a melodia das cordas e o rapaz, assustado, não pensou duas vezes antes de querer matá-la. Mas, ele não tinha esse direito. Se era para acabar com aquela vida, eu era o único que podia fazer isso. E o fiz. Esmaguei a pobrezinha. E com ela, esmaguei também o meu coração. Angústia mortal em meus olhos. Final triste da história do Senhor Melo.